



ENTRE AS CRIANÇAS INDÍGENAS ZUIMÃ E TAUHITÊ: Roquette-Pinto e os povos Pareci e Nambikuara

Josélia Gomes Neves¹

Edneia Maria Azevedo Machado²

Luciana Castro de Paula³

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar, por meio de uma revisão crítica, as representações de infâncias indígenas evidenciadas nos registros etnográficos de Roquette-Pinto no livro: "Rondônia" (1919). Na ocasião, o autor participava da expedição na Serra do Norte localizada na época nos estados do Amazonas e Mato Grosso, no âmbito da Comissão Rondon. Esta leitura mobilizou a elaboração do presente escrito tendo em vista a necessidade de conhecer aspectos das relações crianças/infâncias das populações originárias no começo do século XX. O procedimento metodológico adotado foi a pesquisa bibliográfica, considerando as possibilidades de aprofundamento teórico e o reexame analítico. Os resultados informaram que as crianças citadas por Roquette-Pinto eram de duas etnias: Pareci/Ariti e Nambikuara, povos que tiveram seus territórios cortados pelo projeto da construção das Linhas Telegráficas e que na atualidade seguem suas lutas pelo direito à existência com dignidade. Conclui-se que as anotações reflexivas de Roquette-Pinto a respeito das infâncias/crianças possibilitam aproximações dialógicas com a Sociologia da Infância, a Antropologia da Infância na medida em que apontam especificidades culturais nestes contextos e com a Educação por meio das relações indissociáveis entre cuidar/educar. Uma contribuição que pode ampliar a compreensão interdisciplinar e intercultural do tema, além de disponibilizar elementos importantes sobre as diferentes produções de infância e suas repercussões na contemporaneidade.

Palavras-chave: Crianças indígenas. Roquette-Pinto. Infâncias interculturais.

BETWEEN THE INDIGENOUS CHILDREN ZUIMAN AND TAUHITE: Roquette-Pinto and the Pareci and Nambikuara peoples

ABSTRACT

¹ Doutora em Educação Escolar. Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Ji-Paraná-RO – Brasil. Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0003-2318-5397>. E-mail: joseliagomesneves@gmail.com

² Doutora em Educação. Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Ji-Paraná-RO – Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2875-574X>. E-mail: edneia.machado@unir.br

³ Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Ji-Paraná-RO – Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4962-5389>. E-mail: lucianacastro@unir.br

The objective of this study was to analyze through a critical review, the representations of indigenous childhood evidenced in the ethnographic records of Roquette-Pinto in the book: "Rondônia" (1919). In this occasion, the author participated in the expedition in the Serra do Norte located at the time in the states of Amazonas and Mato Grosso, under the Rondon Commission. This reading mobilized the elaboration of this writing in view of the need to know aspects of the children/childhoods relations of the native populations at the beginning of the twentieth century. The methodological procedure adopted was the bibliographic research considering the possibilities theoretical depth and analytical review. The results indicated that the children mentioned by Roquette-Pinto were of two ethnicities: Pareci/Ariti and Nambikuara, peoples who had their territories cut off by the construction project of the Telegraph Lines and who today continue their struggles for the right to existence with dignity. It is concluded that Roquette-Pinto's reflective notes on childhoods/children allow dialogical approaches to the Sociology of Childhood, Anthropology of Childhood in that they point out cultural specificities in these contexts and with Education through the inseparable relations between caring/educating. A contribution that can broaden the interdisciplinary and intercultural understanding of the theme, in addition to providing important elements about the different childhood productions and their repercussions on contemporaneity.

Keywords: Indigenous children. Roquette-Pinto. Intercultural childhoods.

ENTRE LOS NIÑOS INDÍGENAS ZUIMÃ Y TAUHITÊ: Roquette-Pinto y los pueblos

Pareci y Nambikuara

2

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue analizar, por medio de una revisión crítica, las representaciones de infancias indígenas evidenciadas en los registros etnográficos de Roquette-Pinto en el libro: "Rondônia" (1919). En la ocasión, el autor participaba de la expedición en la Sierra del Norte localizada en la época en los estados de Amazonas y Mato Grosso, en el ámbito de la Comisión Rondon. Esta lectura movilizó la elaboración del presente escrito en vista de la necesidad de conocer aspectos de las relaciones niños/infancias de las poblaciones originarias a comienzos del siglo XX. El procedimiento metodológico adoptado fue la investigación bibliográfica considerando las posibilidades de profundización teórica y revisión analítica. Los resultados informaron que los niños citados por Roquette-Pinto eran de dos etnias: Pareci/Ariti y Nambikuara, Pueblos que tuvieron sus territorios cortados por el proyecto de la construcción de las Líneas Telegráficas y que en la actualidad siguen sus luchas por el derecho a la existencia con dignidad. Se concluye que las anotaciones reflexivas de Roquette-Pinto respecto de las infancias/niños posibilitan aproximaciones dialógicas con la Sociología de la Infancia, la Antropología de la Infancia en la medida en que apuntan especificidades culturales en estos contextos y con la Educación por medio de las relaciones indisociables entre cuidar/educar. Una contribución que puede ampliar la comprensión interdisciplinaria e intercultural del tema, además de ofrecer elementos importantes sobre las diferentes producciones de infancia y sus repercusiones en la contemporaneidad.

Palabras clave: Niños indígenas. Roquette-Pinto. Infancias interculturales.

INTRODUÇÃO

Roquette-Pinto foi um etnólogo, médico, professor brasileiro e autor do livro: “Rondônia” (1919), produzido no começo do século XX. A obra apresenta um conjunto de informações sobre um Brasil pouco conhecido naquela época, veiculado por meio de imagens, textos e desenhos cuidadosamente elaborados. Nesta época, o autor fazia parte da expedição da Serra do Norte, atual região que compreende os estados do Mato Grosso, Rondônia e Amazonas no Brasil. Foi nesta ocasião que escreveu sobre as diferenças culturais, por meio dos encontros ocorridos com os povos *Pareci*, *Nambikuara* e suas crianças, tema deste trabalho.

Vale salientar que a discussão sobre as infâncias indígenas tem sido cada vez mais visibilizada pelas Ciências Sociais, principalmente, a partir das contribuições de Aracy Lopes da Silva e colaboradoras (2002), por meio da publicação: “Crianças indígenas: ensaios antropológicos”, que detalharemos mais adiante. Escritos que evidenciam articulações interdisciplinares, sobretudo com a Sociologia da Infância (SARMENTO, 2005) com relevantes efeitos para a área educacional.

A mobilização que impulsionou este trabalho considerou a necessidade de conhecer as representações sobre as infâncias na visão de Roquette-Pinto, principalmente, em função da ausência da temática nos escritos decorrentes de desdobramentos de seus trabalhos. Verificamos que algumas publicações disponíveis tratam de perspectivas biográficas (RANGEL, 2010), suas relações com o Museu Nacional (CARVALHO, 2017) e os registros relativos à expedição à Serra do Norte (SANTOS, 2020), dentre outras. Mas, a nosso ver, faltava uma reflexão introdutória a respeito da presença das crianças indígenas na obra *Rondônia* (1919).

A busca por compreensões sobre as ideias que têm sido construídas a respeito das crianças em diferentes tempos e espaços, conforme apontou Ariès (1978), tem se constituído em um importante campo do conhecimento. Este recorte geracional mobiliza múltiplos olhares desafiados a compreender os processos de produção de infâncias nas diferentes culturas. Em

decorrência disso, inferimos que os contextos indígenas podem disponibilizar importantes elementos para o debate.

Nesta direção, a concepção de representação adotada neste texto se aproxima do entendimento defendido por teóricos dos Estudos Culturais de que a vida social organizada por diferentes povos é produtora de subjetividades:

[...] tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. (HALL, 1997, p. 16).

E é neste sentido que caminhamos, pois, o conhecimento sobre as crianças pode ser possibilitado também pelas relações contextuais que estabelecem com o seu meio, daí a pertinência da lente etnográfica de Roquette-Pinto.

Algumas questões foram se delineando e deste modo orientando a trajetória do referido estudo por meio das seguintes inquietações: que crianças foram apresentadas no trabalho de Roquette-Pinto do ponto de vista do pertencimento étnico? Em que contextos foram mencionadas? De que forma aconteciam as relações entre o cuidar e educar? Estas perguntas contribuíram para a definição do objetivo que foi analisar por meio de uma revisão crítica o olhar do etnólogo Roquette-Pinto em seu livro para as crianças indígenas no início do século XX na expedição à Serra do Norte no âmbito da Comissão Rondon.

A pesquisa apresentada se caracterizou como estudo qualitativo, entendido como uma perspectiva que demanda “[...] um vaivém entre observação, reflexão e interpretação à medida que a análise progride [...]”. (GIL, 2018, p. 90). Este tipo de investigação possibilita um movimento criativo que pode se traduzir em novas epistemologias, uma vez que: “[...] a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques”. (GODOY, 1995, p. 21), concepção que converge com a intencionalidade deste escrito.

O procedimento metodológico principal foi a pesquisa bibliográfica, viabilizada por meio das leituras da obra "Rondônia" (ROQUETTE-PINTO, 1919). Foi sistematizado em um quadro todas as ocorrências/citações que faziam referências às crianças. A partir destas informações, ocorreu o processo de organização dos dados por etnia com posterior análise. Assim, esta mobilização investigativa inventariou percepções sobre as crianças/infâncias presentes na literatura antropológica e nesta direção possibilitou o exercício de outras interpretações analíticas em perspectiva não escolar.

OS POVOS INDÍGENAS DA SERRA DO NORTE E SUAS CRIANÇAS

[...] a alteridade da infância não significa que as crianças ainda resistam a serem plenamente capturáveis por nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições; nem sequer significa que essa apropriação talvez nunca poderá realizar-se completamente. A alteridade da infância é algo muito mais radical: nada mais, nada menos, que sua absoluta heterogeneidade em relação a nós e ao nosso mundo, sua absoluta diferença. (LARROSA, 2000, p. 185).

As infâncias indígenas foram presentificadas pelo etnólogo Roquette-Pinto no contexto das atividades da Comissão Rondon, momento em que se deparou com os povos indígenas da Serra do Norte, os Pareci autodenominados Areti e os Nambikuara na sua visão, "[...] a mais interessante população selvagem do mundo. [...]. Foram surpreendidos em plena idade *lithica*; e, assim, foi encontrada uma civilização fóssil no coração da América do Sul". (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 2). Em sua perspectiva etnológica e até literária, os elementos apresentados pelos dois grupos expressos nas diferenças culturais com a ocidentalidade eram tão grandes que interpretou aquele encontro como duas possibilidades: a Pré-História e a História resultantes dos processos expansionistas da primeira República:

Para estimular a ocupação dos sertões brasileiros e estabelecer comunicação entre essas regiões e a então capital federal, Rio de Janeiro, o governo criou comissões de construção de linhas telegráficas. Em 1907, o então jovem oficial Cândido Mariano da Silva Rondon foi nomeado chefe da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, que ficaria conhecida como Comissão Rondon. (MUSEU NACIONAL, 2006, p. 10).

Assim, os elementos que possibilitaram a elaboração do livro "Rondônia" foram coletados e analisados no decorrer de seu trabalho em

1912 junto à Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMTA). O etnólogo enxergava nos povos indígenas desta região um conjunto de singularidades culturais em seus modos de vida, mas, observava também possíveis trocas interculturais ameríndias:

[...] a casa do feitiço de um forno, que os Parecís de outrora construíam. [...] uma importação no meio nambikuára; a casa primitiva dos habitantes da Serra do Norte é o toldo de folhagens, semelhante ao Kijême dos Botocudos [...]. (ROQUETE-PINTO, 1919, p. 306).

Embora considerasse as semelhanças nas moradias, admitia que em função de outros dados como o linguístico, tratavam-se de sociedades indígenas diferentes.

Ao longo da obra é possível admirar os belos desenhos que produziu sobre as habitações, cocares, enfeites corporais, panelas de cerâmica, as cabaças ornamentadas, com suas denominações nas línguas indígenas. O etnólogo percebeu que estranhavam o barulho produzido pelo uso das armas de fogo, ele por sua vez, ficava admirado com sua culinária e modos de alimentação:

A carne de grandes caças [...] é primeiro socada no pilão, ou batida entre dois paos e só depois utilizada. [...] com os dentes, e às vezes com facas de madeira [...] cortam grandes bocados. Mal engolem o que lhes vae na boca, logo chupam os dedos, estalando a língua com grande ruído. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 239).

Pistas que sugerem compreensões sobre práticas culturais singulares em que: “[...] a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. [...]”. (HALL, 1997, p. 29). Em decorrência de várias situações como estas, avaliava que a elaboração do seu trabalho representava uma forma de inventariar elementos importantes que evidenciavam mais uma das feições da sociedade brasileira.

Um desejo curioso do autor era a possibilidade de no futuro um indígena alfabetizado pudesse folhear seu trabalho, realizar a leitura e se identificar com os escritos e as imagens ali apresentados: “Quem sabe si mais tarde, um filho da RONDÔNIA, bisneto de alguns desses que deixei com saudade em 1912 [...] não folheará estas notas para ligá-las ao material conhecido e traçar,

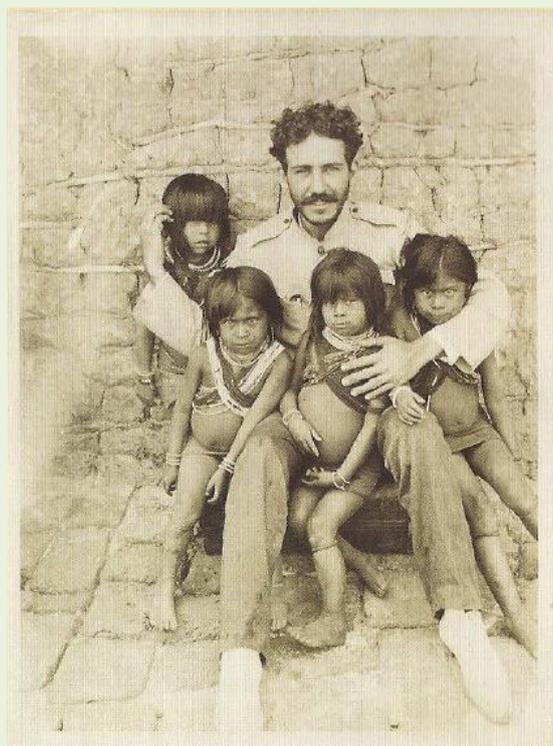
assim, a notícia completa do seu povo?”. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. XV, destaque do autor). Uma possibilidade cada vez mais próxima considerando os processos de escolarização das sociedades indígenas.

E no âmbito deste estudo as crianças indígenas mobilizaram a atenção de Roquette-Pinto. Embora não representem a centralidade do trabalho, elas ocupam um espaço significativo em seus escritos. Além do termo crianças, são identificadas também como meninos, meninas, pequenos, menores, petizes e infantes, contribuições efetivas que se juntam para ampliar o entendimento sobre as infâncias indígenas brasileiras. Posteriormente, esta temática ganhou visibilidade exclusiva para a Etnologia brasileira por ocasião da apresentação do seu trabalho: “A condição da criança entre os índios do Brasil” citada pelo autor (1919). Foi ali no 1º Congresso Americano da Criança realizado em 6 de julho de 1916 em Tucuman, Buenos Aires na Argentina que discutiu possibilidades para uma etnografia da infância, possivelmente inspirado pelas vivências com as crianças da Serra do Norte.

Embora não tenhamos localizado nenhum nome específico de criança no livro “Rondônia” observamos que foram constantemente mencionadas e fotografadas tanto no contexto grupal como em situações específicas da infância, como por exemplo nos atos de mamar, brincar, chorar, esta última palavra no vocabulário Nambikuara Kôkôzú é Nandutu. Aliás, na prática etnográfica de Roquette-Pinto a narrativa bilíngue/trilíngue constitui um elemento constante ao longo da obra por meio de registros icônicos e não icônicos expressos em línguas indígenas nas palavras relacionadas aos contextos infantis.

Uma pista que sugere uma atenção específica e interessada em compreender também os sentidos de representar a criança Pareci ou Nambikuara no âmbito da linguagem em suas sociedades, bem como nos registros fotográficos, que estão presentes ao longo da obra, evidenciando a importância do tema para o etnólogo:

Figura 1 – Roquete Pinto e as crianças indígenas.



Fonte: Roquette-Pinto (1912).

Além das diferenças linguísticas, as crianças indígenas narradas por Roquette-Pinto evidenciam outras especificidades, de modo que é possível compreender que o autor apresenta duas formas de vivenciar a infância. Um entendimento que se aproxima das atuais concepções que compreendem as relações crianças/infâncias como construções sociais dinâmicas que variam de acordo com tempo e espaços culturais. São inter-relacionadas, mas não denotam expressões sinônimas, conforme a designação da Sociologia da Infância que:

[...] contra a orientação aglutinante do senso comum, [há] uma distinção semântica e conceptual entre infância, para significar a categoria social do tipo geracional, e criança, referente ao sujeito concreto que integra essa categoria geracional e que, na sua existência, para além da pertença a um grupo etário próprio, é sempre um actor social que pertence a uma classe social, a um género etc. (SARMENTO, 2005, p. 371, grifo nosso).

As leituras de Rondônia (1919) nos aproximaram de aspectos diferenciados de viver as infâncias *Pareci* e *Nambikuara* no âmbito de seus universos culturais, o que nos leva a adotar a concepção que cada criança: [...] tem uma história, que pertence a uma classe social determinada, que

estabelece relações definidas segundo um contexto de origem [...] decorrente dessas relações sociais e culturais [...]. (KRAMER, 2006, p. 79).

Vale salientar que esta forma de pensar nem sempre foi assim, pois durante muito tempo predominou o entendimento que as crianças representavam apenas a continuidade futura do grupo social a qual pertenciam. Isso porque nestas análises, as perspectivas infantis não eram/são consideradas:

O pensamento [tradicional] da Sociologia sobre as crianças e a infância deriva do trabalho teórico sobre a socialização, [...] processo pelo qual a criança se adapta para internalizar a sociedade. [...], entende-se a criança somente como consumidora da cultura estabelecida pelos adultos. (DELGADO; MULLER, 2005, p. 162).

De forma geral, estas elaborações analisam que ainda é comum observar representações na literatura que apresentam visões secundárias sobre as crianças, na medida em que: “[...] ocupam um lugar aparentemente periférico na história em geral, isso se reflete na dificuldade em encontrar material produzido a partir delas mesmas. As crianças têm sua história contada e retratada por outros”. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010, p. 46).

Nesta direção, os escritos de Roquette-Pinto desencadeiam mobilizações desafiadoras, no sentido de pensar como os processos interativos atuais entre investigadores (as) e crianças indígenas podem ser viabilizados. A mediação/colaboração de adultos conhecidos por elas, será necessária devido aos costumes de cada povo e as barreiras linguísticas, mas tendo o cuidado de não comprometer “[...] o direito de dizerem a [sua] palavra”. (FREIRE, 1987, p. 51).

Assim, concordamos que as crianças vivenciam diferentes modos de infância, considerando seus contextos de origem, compreensão que contribuiu para a desconstrução da ideia hegemônica de uma infância universal. Uma situação que exigiu o aprofundamento da compreensão das fronteiras conceituais entre os termos “crianças” e “infâncias”, com estreita correspondência entre sujeitos e temporalidades específicas, em função disso:

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma

representação dos adultos sobre essa fase da vida. (KUHLMANN, 2010, p. 30).

Sobre esta discussão, as contribuições de Lopes da Silva (2002) constituem a nosso ver uma importante contribuição ao tema, na medida em que representam alertas para as diversas experiências de infância existentes nas sociedades indígenas, o que exigiu a criação de um campo de estudos que evidenciasse estas especificidades, uma Antropologia da Infância (NUNES, 2003). Nesta direção, organizou um conjunto de análises antropológicas e educacionais relacionadas às infâncias dos povos indígenas *Xikrin*, *A'uwê-Xavante*, *Guarani* e *Assurini*.

Outros estudos também têm apontado importantes elementos quanto às diferenças culturais no âmbito das infâncias indígenas (TASSINARI; GRANDO; ALBUQUERQUE, 2012; ZOIA; PERIPOLLI 2010; COHN, 2013). São análises que embora confirmem aspectos comuns entre as crianças de diferentes povos, destacam que há modos específicos de viver a infância, uma ruptura necessária com a concepção de vivência infantil única.

Essa outra forma de entender as crianças e suas infâncias possibilitou múltiplos exercícios de revisão problematizadora, resultando em referenciais que levaram em conta: “[...] suas alteridades como os múltiplos-outros, perante os adultos e ainda o balanço crítico das perspectivas teóricas que construíram o objeto infância como a projeção do adulto em miniatura ou como adulto imperfeito, em devir [...]”. (SARMENTO, 2005, p. 373). Neste sentido, a Sociologia da Infância reconhece as especificidades das crianças e enxerga suas movimentações como um sujeito pleno, que tem uma lógica própria que é diferente do adulto e não inferior a ele, assim como recebe influências, também produz influencia em seu meio.

Embora Roquette-Pinto não tenha mencionado textualmente elementos que se aproximem destas discussões, inferimos que houve alguma mobilização neste sentido. Como já mencionamos, as crianças *Pareci/Ariti* e *Nambikuara*, em consideração aos seus contextos de origem, são apresentadas de forma diferenciada ao longo de seu trabalho, tanto nas descrições como nas imagens. Talvez signifiquem representações para além da perspectiva da socialização, o que confirma que: “[...] é preciso [...]”

considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, reconhecê-las como produtoras de história. [...]”. (KUHLMANN JR.; FERNANDES, 2004, p. 31).

Vale acrescentar que os registros sobre as crianças em Roquette-Pinto contemplaram aspectos também da infância não indígena. O autor descreveu um episódio em que um grupo de crianças vivenciou uma situação assustadora em Porto dos Bugres, região de Sapezal, local de reabastecimento da Comissão Rondon e onde os *Pareci* também adquiriam produtos. Isso ocorreu devido a um ataque de onças na madrugada, uma delas entrou no chiqueiro de porcos, o que causou um grande alvoroço e apreensão na comunidade e, principalmente nas crianças:

As crianças da casa, pobres filhos da floresta, levantaram-se das suas pequeninas redes, despertadas pela gritaria dos bichos e dos homens: - E a onça? E a onça? Fecha a porta! choramingavam, nervosas e trêmulas. A porta! [...]. Tive piedade daquelas crianças, acordadas no meio da noite pela onça; pensei nos petizes das cidades, que tremem de medo e arregalam de pavor, quando ouvem falar das onças fabulosas. Invejei as crianças pelos meus filhos; porque serão verdadeiros homens os que vão crescendo assim, endurecidos pelo contacto íntimo com as asperezas da criação. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 104).

Embora o registro não tenha tratado de situação envolvendo crianças indígenas, mesmo assim o autor registrou e analisou o ocorrido, descrevendo a situação do medo infantil diante do ataque das onças, o que pode sugerir a importância do tema para a sua agenda de estudos. E neste contexto ficaram perceptíveis alguns elementos de sua concepção educativa, na medida em que entendia que conjunturas que envolviam algum tipo de pressão eram relevantes para a formação dos pequenos.

AS CRIANÇAS PARECI/ARITI

De acordo com Roquette-Pinto, os primeiros registros do contato de não indígenas com os *Pareci* correspondem ao ano de 1718. Desde então recebiam visitas de diferentes indivíduos como sertanistas, naturalistas e etnólogos. Deste modo, por um tempo significativo estabeleciam relações comerciais com pessoas e grupos não indígenas da região do Mato Grosso. Seu estudo foi realizado com os *Pareci* da Aldeia Queimada em 1912: “[...]”

naquelle lugar, estavam localizados os dos grupos *Kozārini* e *Kaxiniti*, do rio Verde e das cabeceiras do Juba, do Cabaçal, do Jaurú e do Guaporé". (ROQUETTE-PINTO, p. 117, 1919).

Dentre outras atividades, negociavam víveres alimentícios como mandioca, algodão, cará batatas, bem como objetos de seu artesanato como peneiras, redes, dentre outros: “[...] acham-se em adiantado gráo de diferenciação cultural; mormente os do districto de Diamantino, por onde passa a linha telegraphica, exactamente aquelles que foram examinados em 1888, por von den Steinen. [...]”. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 145). Vale salientar, que o autor apresenta a autodenominação deste Povo Indígena, bem como o sistema de organização social dividida em diferentes núcleos, tendo como elemento comum a língua e os costumes:

Pareci não é nome nacional; a si mesmo, elles se denominam Ariti e só usam daquelle appellativo quando estão comnosco. A tribu acha-se dividida em grupos, que falam a mesma língua e têm os mesmos hábitos. As informações que hoje possuímos acerca desta nação, precisam bem a existência de três núcleos aritis: Uaimarés, Kaxinitís e Kozárinis. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 126).

Descrevia os *Pareci* como pessoas interessantes, receptivas, possuidoras de grandes roças de feijão, além de outros aspectos que foram relatados por diferentes olhares e interesses desde o século XVIII. E neste contexto, a presença das numerosas crianças ou *zuimã* no vocabulário *Ariti/Pareci* da Aldeia Queimada era constante. O trabalho etnográfico envolveu registros com crianças de diferentes idades e em diversas situações do cotidiano. Registrou práticas culturais específicas quanto ao modo de dormir, cuidar e educar as crianças: os *Pareci* dormiam nus em redes coletivas que eram tecidas pelo próprio povo, na proximidade de muitas fogueiras, importantes para manter o aquecimento e a iluminação. Nestas ocasiões, se uma criança chorava era acalentada por músicas de ninar em língua indígena de acordo com o sexo do bebê:

[...]. Mais além, uma criança choramingava, ao lado de uma índia moça que a balançava nos braços, cantando: *Ená-inôkôcê cê-maká Eixi-mòkôcê cê-maká* (Menino dorme na rede...) E se a criança é de sexo feminino cantam: *Uirò-niòkôcê cê-inoká*. (Menina dorme na rede...). (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 130).

Uma evidência de sua atenção às diferenças culturais de gênero nos contextos em que o cuidado estava junto da educação por meio da linguagem.

Figura 2 – Parecis da Aldeia Queimada.



Fonte: Roquette-Pinto (1912).

A primeira imagem da figura 2 trata de uma fotografia exclusiva das crianças *Ariti* com vestimentas tradicionais. A nosso ver, uma evidência de cuidar/educar, para além do espaço escolar, uma vez que ali foram articuladas ações de cuidado por meio do uso de roupas, mas não qualquer roupa, mas sim trajes próprios, um modo de educar para a cultura. Este binômio cuidar/educar tem sido importante para pensar as possibilidades formativas na relação com as crianças na medida em que problematiza o entendimento dicotômico que por muito tempo supervalorizou a assistência em detrimento das práticas educativas:

[...] a educação da criança pequena envolve simultaneamente dois processos complementares e indissociáveis: educar e cuidar. As crianças desta faixa etária, como sabemos, têm necessidades de atenção, carinho, segurança, sem as quais elas dificilmente poderiam sobreviver. [...]. Esta inserção das crianças no mundo não seria possível sem que atividades voltadas simultaneamente para cuidar e educar estivessem presentes. (BUJES, 2001, p. 16).

Essa perspectiva de cuidar/educar pode ser percebida na outra imagem que evidencia uma mãe carregando um bebê na tipoia, a *Zamáta* de fabricação das próprias mulheres *Pareci*. Registros que disponibilizam elementos importantes que demonstram a articulação também entre infância e cultura, ao cuidar também se educa para as práticas culturais.

Admirou-se da grande quantidade de meninos e meninas, ocasião que menciona a rotina infantil da amamentação – que de acordo com Roquette-Pinto era considerada longa, embora não mencione um tempo específico, informou que: “[...]. O número de crianças, entre eles, é grande, nossos documentos photographicos provam-no sobejamente. As mulheres amamentam os filhos até idade relativamente avançada”. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 123).

Outra importante anotação diz respeito aos rituais realizados do nascimento até os primeiros anos de uma criança *Pareci* - o envolvimento dos adultos próximos e a definição das responsabilidades de cada um: “Por ocasião do nascimento de uma criança, ambos os progenitores jejuavam, até a queda do cordão umbilical. Aos três *annos* era o pequeno *baptisado*, recebendo o nome de um dos avós”. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 146). É perceptível notar como as marcações biológicas acompanhavam as marcações culturais. Um instrumento próprio e comum perceptível em outras infâncias foi citado pelo etnólogo, o brinquedo. Entre os *Pareci*, as crianças brincavam com o chocalho confeccionado a partir da cabaça. Era um dos brinquedos presentes no dia a dia dos pequenos e na língua indígena era chamado de *Ualaçú*, uma informação importante, pois:

No ato de brincar relacionam-se dois elementos importantes: a brincadeira e o brinquedo. O brinquedo é um objeto utilizado durante as brincadeiras. [...] exercita a inteligência, permite a imaginação e a invenção. (BARROSO; PACÍFICO, 2017, p. 74).

Foi possível observar que existiam duas definições para as crianças na sociedade *Pareci/Ariti* narradas por Roquette-Pinto relacionadas exclusivamente à época que se alimentavam no seio materno: a criança do sexo feminino em fase de amamentação era chamada de *Ená-môkôcê*, já a criança do sexo masculino que ainda mamava era denominada, *Uirô-*

môkôcê. Dado que aponta pistas sobre o sistema de classificação infantil do povo a partir do gênero e que recebiam denominações específicas em determinadas etapas de sua vida. Assim, as *zuimã* ou crianças em língua *Ariti/Pareci* da Aldeia Queimada constituíam uma das partes significativas deste povo, conforme notou Roquette-Pinto.

A partir destas experiências e suas especificidades é possível compreender que a infância *Ariti/Pareci* era atravessada pelo contexto cultural e social expresso nas vestimentas e língua, por exemplo. Estudos atuais evidenciam que os *Paresi*, que adotam no momento esta nomenclatura, seguem suas lutas, às crianças, vivenciam saberes na comunidade e também no espaço escolar (PAES, 2002).

SER CRIANÇA ENTRE OS NAMBIKUARAS

De acordo com Roquette-Pinto o Povo *Nambikuara* foi contatado no ano de 1720. São conhecidos pelos *Pareci* como *Uaikoá-korê*, que sugere a interpretação “orelhas furadas”. Já os moradores próximos adotavam a identificação de *Nambikuáras*. Mas, o autor desconfiava do nome dado pelos *Pareci*: “Quantas tribus do Brasil, e mesmo da America do Sul, por terem seus filhos o costume de perfurar o lóbulo da orelha, não merecem este nome *nambikuára?*”. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 37). Tempos depois, descobriu que os *Nambikuara* possuíam outras denominações como *Uáikoákorê* que foi dado pelos *Pareci*, significava “irmão do chão”, uma referência a forma de dormir desta etnia, no solo limpo.

Assim como os adultos, as crianças também tinham o costume de dormir no chão, conforme explicitam os registros fotográficos: “[...] os índios da Serra do Norte dormem diretamente sobre o solo. [...]. Deitam-se, quasi sempre, em decubito lateral, pondo o ante-braço debaixo da cabeça para servir de travesseiro”. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 237). Diferença que não escapou do olhar de Lévi-Strauss (1996) e que o encantou profundamente dado confirmado na página de seu livro *Tristes Trópicos*.

Figura 3 – Roquete Pinto e Indígenas da Serra do Norte, Três Buritis.



Fonte: Roquette-Pinto (1919).

No esperado encontro de Roquette-Pinto com estes indígenas em 1912 as crianças *Nambikuara* estiveram presentes. O evento ocorreu após a sua saída de Juína quando após certo tempo, a Comissão Rondon avistou uma fogueira e um grupo de pessoas ao seu redor. A narrativa permite entender que o sentimento de cautela fazia parte dos dois lados. E o choro dos pequenos sugere uma expressão aproximada com os sentimentos de preocupação dos adultos, devido a chegada inusitada das inesperadas visitas noturnas.

Para Roquette-Pinto, a grafia de criança ou filho no vocabulário depende do grupo, se é *Nambikuára-Tauitê* é chamada de *Tauhitê*. Já no grupo *Nambikuára-Kôkôzú*, a palavra criança na língua indígena é *Uetú* e a faixa de carregá-la é *Çáarú*. As *Nambikuára-Tauitê* são carregadas em uma tipoia, *Sareguêzê*, feita com um tecido de algodão. Diferenças observadas no âmbito de um mesmo povo.

Os adornos corporais infantis e adultos são amplamente descritos no trabalho antropológico, como elementos culturais expressivos do povo *Nambikuara*. São produzidos a partir de penas de aves, sementes, madeiras e ossos. Estão mais presentes nos corpos masculinos, mas as mulheres também

utilizam. Em relação às crianças, informou-se que as alterações em seus corpos são as perfurações em lábios e orelhas, elas fazem parte da indumentária infantil iniciadas após o nascimento dos dentes:

[...]. As crianças de peito não tinham ainda perfurados lábios e septo; as que já possuíam os primeiros pequenos molares haviam, porém, sofrido ambas as operações. E, por isso, acredito que só as realizam quando chegam os meninos aos dois anos. Mas, só depois dos cinco, ou sete, começam a fixar, no beijo e no nariz, metidas por taes buracos, umas cavilhas finas e características, feitas quasi sempre do colmo de um capim. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 248-249).

Em relação às brincadeiras, o autor menciona os meninos e suas atividades imitativas de caça com um tipo de material adequado com ponta arredondada, evidência de cuidado e formação: “Um typo de flecha de ponta romba, raro aliás, é destinado à captura de aves, com que brincam os pequenos nambikuáras”. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 253). O brinquedo era a flechinha e a brincadeira, a caça, entrelaçamentos que sugerem dialogias entre o mundo da infância e o mundo dos adultos:

Através do brincar, as crianças agem no mundo não apenas como preparação para ele, mas como um meio de comunicação de sua participação [...], interagindo socialmente e conferindo significados às ações. (PRANGE; BRAGAGNOLO, 2012, p. 254-255).

Em relação à vestimenta, as meninas assim com as mulheres, adolescentes e idosas, solteiras ou casadas usavam no dia a dia uma tira abdominal. Participavam das festas, através de danças com atuações específicas no processo coreográfico. Em outros registros, no que diz respeito à construção das casas, algumas partes eram de responsabilidade das mulheres, meninas e meninos: “[...] quebram os ramos que servirão para a cobertura, enquanto as crianças ajudam, arrancando o capim e o sapê, que também concorrem para tapar o tecto. [...]”. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 225, grifo nosso).

Quanto aos modos de viver, percebeu-se que a dieta do povo era composta por uma rica variedade de proteínas, que incluía insetos, répteis, aves, peixes, animais de pequeno e grande porte. As técnicas de caçar e pescar variavam entre os diferentes grupos, assim como a agricultura evidenciada nas roças de produção de milho, algodão e mandioca. Neste

processo, o que os adultos comiam era também compartilhado com os pequenos: “Às crianças dão tudo para comer; do que levam a boca vão sempre migalhas ao pequenino que lhes anda perto ou entre os braços. Mesmo os excitantes de que usam, fumo, por exemplo, são repartidos com os petizes. [...]” (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 163). Sobre o consumo do cigarro, o autor explica a confecção deste produto que a seu ver possuía um cheiro agradável e considerava fraco em relação ao tabaco ocidental.

Estudos mais recentes dão conta que os *Nambikuara* de Três Buritis são provavelmente os *Sabanê*, sociedade identificada “[...] no conjunto da etnia usualmente conhecido por *Nambikwara* por sua maior diferença linguística e, ao que tudo indica, também por sua diferenciação sociocultural”. (REESINK, 2015a, p. 114, grifo do autor). Em relação às crianças, as constantes e abruptas mudanças ocorridas ao longo do tempo repercutem em sua linguagem: “[...] as crianças são exclusivamente monolíngues em português, e são educadas em português (com a exceção de um só menino que é estimulado a aprender também o *Sabanê* como segunda língua). [...]”. (REESINK, 2015b, p. 147).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste texto foi produzir um estudo acadêmico sobre a visão do etnólogo Roquette-Pinto expressa no livro: “Rondônia” (1919) a respeito das crianças indígenas em contexto não escolar. O estudo de caráter qualitativo foi desenvolvido no Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA), por meio da Linha de Pesquisa: “Crianças e Infâncias: formação docente e práticas pedagógicas na Educação Infantil” no segundo semestre de 2021 em Ji-Paraná, Rondônia, através do procedimento metodológico da pesquisa bibliográfica.

Os resultados informam que as crianças citadas por Roquette-Pinto são das etnias *Ariti/Pareci* e *Nambikuara*, povos que passaram por diversos impactos decorrentes das Linhas Telegráficas no começo do século passado sob a coordenação do Marechal Rondon. É neste contexto que os registros do etnólogo vão informar a presença das crianças que encontrou na grande Rondônia – atuais estados do Mato Grosso, Rondônia e Amazonas.

As representações a respeito das crianças *Ariti/Pareci* por Roquette-Pinto disponibilizam pistas sobre os modos de serem cuidadas e educadas – os trajes da tradição cultural, os rituais em que participavam do nascimento até a queda do cordão umbilical, o recebimento de nomes de avós por volta dos três anos. Vivenciavam um longo período de amamentação, as *Ená-môkôcê* - meninas pequenas e os meninos, *Uirô-môkôcê*.

Em situação de choro poderiam ser consoladas com músicas da cultura, informação que atesta que as músicas de ninar faziam parte das suas práticas culturais. Quanto às crianças *Nambikuara*, elas foram percebidas por Roquette-Pinto a partir de seus diferentes grupos sociais. Neste sentido poderiam ser *Tauhitê* (*Nambikuára-Tauitê*) ou *Uetú* (*Nambikuára-Kôkôzú*). As meninas participam dos eventos culturais e trajavam a tira abdominal no cotidiano, participavam de algumas tarefas sempre tendo um adulto como orientador ou orientadora.

Foi possível observar semelhanças e diferenças entre as crianças e infâncias dos dois povos. Sobre os brinquedos e as brincadeiras, as crianças *Pareci* brincavam de chocalho ou *Ualaçú* confeccionado através da cabaça, já as crianças *Nambikuara* utilizavam pequenas flechas com pontas arredondadas em suas imitações na caça de aves, uma possível preparação para atividades futuras. Os utensílios comuns utilizados nas duas culturas, era a tipoia, utilizada para carregar crianças pequenas, a *zamáta* em *Pareci* e *sareguêzê* em *Nambikuara*. E uma das diferenças era o modo de dormir: as crianças *Pareci* usavam redes e as crianças *Nambikuara*, o chão limpo.

Assim, tanto nos sistemas culturais das *zuimã* como no mundo das *tauhitê* ou *uetú* a infância comparece como uma importante etapa do desenvolvimento humano destas sociedades. E, embora tenham sido narradas na ótica interpretativa adulta - uma concepção dominante que privilegiava a hegemonia adultocêntrica nesta época, inegavelmente, ocuparam um espaço importante em um tempo que os registros sobre esta temática eram escassos ou inexistentes. Em função disso, podem se constituir em um importante referencial que converge na direção dos atuais estudos interdisciplinares e interculturais em que as crianças são consideradas sujeitos

sociais de direitos, produtoras de cultura onde se constituem e são constituídas por complexos atravessamentos sociais.

REFERÊNCIAS

ARIËS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ABRAMOWICZ, A; OLIVEIRA, F. de. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. **Revista Educação**. Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 39-52, jan./abr., 2010.

BUJES, M. I. E. **Escola infantil**: pra que te quero. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Orgs.). Educação infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

BARROSO, J. H.; PACÍFICO, J. M. **Brincadeiras na escola de educação infantil**: um estudo em Porto Velho/RO. In: PACÍFICO, Juracy Machado et al. (Org.). Experiências na educação infantil: narrar e refletir é preciso. Edufro: Porto Velho, Rondônia, 2017.

BOTH, S. J. **Da aldeia à cidade**: o cotidiano de estudantes Paresi em escolas urbanas de Tangará da Serra – MT. 150 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT/IE, 2006.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Volume 1. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, P. L. R. de. **Rondônia de Roquette-Pinto dentro do Museu Nacional**. 156f. 2017. Orientador: José Ribamar Bessa Freire. Tese (Doutor em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

COHN, C. **Concepções de infância e infâncias**. Civitas. Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-224, maio-ago., 2013.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 161-179, maio-ago., 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, mai./jun., 1995.



HALL, S. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade, v. 22, n. 2, jul./dez., p. 15-46, 1997.

KUHLMANN JR, M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M. de. (Org.). **A infância e sua educação** - materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KUHLMANN JR., M. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade. Brasília, DF, 2006.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A.; MACEDO, A. V. (orgs.). **Crianças indígenas**: ensaios antropológicos. São Paulo: Global. 2002.

MUSEU NACIONAL. **Rondônia 1912**: gravações históricas de Roquette-Pinto. Rio de Janeiro: Laced/Museu Nacional/UFRJ, 2006.

NUNES, A. **Brincando de ser criança**: contribuições da Etnologia Indígena Brasileira à Antropologia da Infância. 341 f. Tese (Doutorado em Antropologia). Lisboa, Portugal: Departamento de Antropologia do ISCTE, 2003.

PAES, M. H. R. A questão da língua na escola indígena em aldeias Paresi de Tangará da Serra - MT. **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, Rio de Janeiro set./dez. 2002.

PRANGE, B.; BRAGAGNOLO, R. I. As singularidades das crianças pequenas expressas nas suas brincadeiras. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 251-271, jan./abr. 2012.

CABRAL FEITOSA RIBEIRO, N. M.; LOBATO DOS SANTOS, T. R. . AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE BELEZA NA INFÂNCIA: "ser bonito" tem seus limites. Revista Exitus, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e022003, 2022. DOI: 10.24065/2237-9460.2022v12n1ID1700. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1700>. Acesso em: 24 abr. 2022.

ROQUETTE-PINTO, E. **Rondônia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

ROQUETTE-PINTO, E. **Rondônia**: anthropologia-ethnographia. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.



RANGEL, J. A. **Edgard Roquette-Pinto**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

REESINK, E. Os Sabanê e os povos do Nambikwara do Norte: etno-histórias das ruínas da história e de recriações tardias. **Tellus**, ano 15, n. 29, p. 113-133, jul./dez., 2015a.

REESINK, E. A ocupação dos Sabanê da área dos rios Roosevelt e Tenente Marques (parecer antropológico e linguístico). **Tellus**, ano 15, n. 29, p. 135-151, jul./dez. 2015b.

SARMENTO, M. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-78, mai./ago., 2005.

SANTOS, R. de C. M. **No coração do Brasil**: a expedição de Edgard Roquette-Pinto à Serra do Norte (1912). Rio de Janeiro: Museu Nacional, Setor de Etnologia e Etnografia, 2020.

TASSINARI, A. M. I.; GRANDO, B. S.; ALBUQUERQUE, M. A. dos S. (Orgs).

Educação indígena: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

ZOIA, A. PERIPOLLI, O. J. **Infância indígena e outras infâncias**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 4 n. p. 9-24 jul./dez., 2010.

Recebido em: 24 de abril de 2022.

Aprovado em: 30 de setembro de 2022.

Publicado em: 20 de dezembro de 2022.

